

Design Editorial, Cultura Visual e Ensino

Bento F. de Abreu (*)

Actas de Diseño (2012, Marzo),
Vol. 12, pp. 143-146. ISSN 1850-2032
Fecha de recepción: septiembre 2011
Fecha de aceptación: octubre 2011
Versión final: diciembre 2011

Resumen: La época contemporánea tiene una gran cantidad de medios y dispositivos para la producción y transmisión de imágenes, haciendo que la cultura fragmentada que llamamos post-moderna, se entienda e imagine mejor a través de lo visual (Mirzoeff, 2003, p. 20). Entre estos medios destacamos la revista como un vehículo que es parte del universo de la comunicación actual y que articula su discurso a través del lenguaje del diseño gráfico, que, según Cauduro (1998, p. 63), es un proceso de búsqueda de soluciones a los problemas de comunicación que procura tanto inventar como re-articular los signos. En este sentido, los medios editoriales permiten una mirada más allá del análisis formal de los elementos, y que se relaciona con los contenidos.

Palabras Clave: Diseño Editorial - Cultura Visual - Enseñanza - Medios de Comunicación - Signos - Imagen

[Resúmenes en inglés y portugués y currículum en p. 146]

Este artigo tem origem na dissertação de mestrado “Revista Bravo! Desenho, design e desígnios na perspectiva dos Estudos da Cultura Visual” defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em dezembro de 2008, cuja pesquisa foi orientada pelas professoras Analice Pillar e Susana Rangel Vieira da Cunha, a quem sou muito grato. O artigo se orienta pelos Estudos da Cultura Visual e tem como principais referências teóricas, Mirzoeff (2003) e Hernández (2007). Pretende refletir sobre de que maneira nos relacionamos com suportes editoriais bem como observar de que forma eles influenciam nos processos de aprendizagem na medida em que veiculam valores estéticos e culturais e portanto constroem modos de ver. Nesse contexto, entre a grande variedade de peças editoriais existentes entendo que a revista ocupa um lugar de destaque entre os meios de comunicação de massa, porque é o resultado das técnicas de comunicação e porque narra diversos aspectos da vida em sociedade. De certa forma poderíamos afirmar que as revistas adquiriram um espaço de onipresença em nosso cotidiano, tal a infinidade de títulos com que nos relacionamos. Estas peças se tornaram tão comuns nos espaços que frequentamos, seja na exposição multicolorida das bancas onde são vendidas, nas salas de espera dos consultórios, nas cafeterias, nas escolas ou em nossas residências, que pouco refletimos sobre o seu design.

É comum em nosso cotidiano folhearmos as páginas de uma revista quase de maneira automática. No entanto, se estamos absorvidos pelo tema de uma matéria que julgamos interessante ou hipnotizados pela beleza da foto de um anúncio publicitário, não nos detemos no fato de que um grande grupo de profissionais esteve envolvido para que aquele objeto estivesse ali em nossas mãos e que a articulação das linguagens verbo-visuais foi projetada para atrair um determinado tipo de público, para seduzi-lo a percorrer suas páginas e saborear seu conteúdo. Assimilamos, portanto, a maneira de nos relacionarmos com a revista, assim como nos relacionamos com nossas agendas, telefones celulares, CDs e DVDs entre tantos outros objetos que fazem parte do nosso cotidiano. Sobre esse aspecto da nossa relação com os objetos do cotidiano,

Hendel (1999, p. 1) reflete que: “[...] quanto mais mundano um objeto (um lápis, um livro), menos pensamos em seu design. Quanto maior a eficiência com que ele trabalha e maior a frequência com o que usamos, menos pensamos sobre como veio a existir”.

Ao considerar a revista como um objeto da experiência visual do nosso cotidiano, aproximamo-nos dos Estudos da Cultura Visual, tendo em vista que eles observam que a cultura visual afasta nossa atenção dos cenários de observação estruturados e formais, como o cinema e os museus, e a centra na experiência visual da vida cotidiana, conforme Mirzoeff (2003, p. 25).

A era contemporânea apresenta uma infinidade de suportes e aparatos para a produção e a veiculação de imagens, fazendo com que a cultura fragmentada que denominamos pós-moderna, se entenda e se imagine melhor através do visual (Mirzoeff, 2003, p. 20). Dentre estes suportes destacamos a revista como um veículo que faz parte do universo da comunicação atual e que articula seu discurso através da linguagem do design gráfico, que, segundo Cauduro (1998, p. 63), é um processo de busca de soluções para problemas de comunicação, que procura inventar assim como re-articular signos.

Podemos entender a que a articulação dos conteúdos de uma revista constroem uma narrativa que, segundo Jonathan Culler (1999, p. 85), tem origem na teoria literária. Conforme este autor: “A teoria narrativa (narratologia) é um ramo ativo da teoria literária e o estudo literário se apóia em teorias da estrutura narrativa: em noções de enredo, de diferentes tipos de narradores, de técnicas narrativas”.

Enquanto que na perspectiva dos Estudos da Cultura Visual, as narrativas, segundo Hernández (2007, p. 11), são formas de estabelecer a maneira como há de ser pensada e vivida a experiência.

Penso, portanto, que, além das narrativas que as próprias revistas apresentam em sua configuração verbo-visual, a experiência educativa também pode ser refletida como uma pedagogia visual, na medida em que aprendemos também através das imagens.

As revistas na sala de aula

A reflexão que tenho feito em sala de aula com os alunos dos cursos de Comunicação e de Design, é a de que o mundo da era da informação não só nos desafia a conhecer e operar com os diversos aparatos tecnológicos, como também nos coloca a necessidade de perceber que as narrativas produzidas com estes meios devem estar a serviço de uma idéia, de um conceito, de um determinado sentimento. Assim como afirma o cineasta Wim Wenders (2003) sobre a imagem no contexto do cinema: A imagem tem que estar a serviço de uma história, de uma idéia; penso que também na elaboração de projetos de design essa preocupação deve estar presente.

Entendo que através destas peças editoriais, é possível apreender diversas questões que se referem ao universo visual gráfico, pois lá estão todo o tipo de imagens, os textos, as cores, texturas, estilos de diagramação, o design tipográfico, entre outros elementos do design gráfico.

No que se refere ao design tipográfico, responsável pelas informações verbais, pode-se perceber sua presença em situações que vão desde a identificação da revista, através do seu logotipo, até os títulos das matérias, bem como nas colunas de textos. Portanto, é um elemento fundamental na elaboração de uma peça visual gráfica, mas a atuação da tipografia ultrapassa o sentido funcionalista de apenas registrar o texto. Segundo Perrota (2005, p. 29):

[...] a tipografia não é apenas o desenho das letras, e sim o desenho que se faz com as letras, a maneira como as letras são usadas numa diagramação. Tipografia é uma linguagem que tem como fonte de expressão o desenho das letras e o seu uso.

Através do design tipográfico, é possível identificar na capa da revista o nome da publicação particularizado em um determinado tipo ou fonte tipográfica, que seria o logotipo. Conforme Gilberto Strunk (2001, p. 70), é a particularização da escrita de um nome ou ainda um nome representado por um mesmo tipo de letra (especialmente criado ou não), isso é um logotipo.

O design tipográfico pode adquirir, também, o status de imagem na medida em que os projetos visuais exploram o desenho das letras de maneira que o texto extrapola sua função de narrativa verbal e assume o papel de narrativa visual, seja pelo espaço ocupado na página ou pela criatividade do designer que pode compor através do desenho das letras uma infinidade de formas, massas compactas, sobreposições e outras associações. Na visão de Heller (apud Ferlauto, 2002, p. 63):

No design de hoje o texto tem novas funções. Expandiu sua capacidade de comunicação através de sua funcionalidade, transitando num contexto ilustrativo (o tipo como imagem), no ambiente tecnológico ou no expressivo. Desse modo, imagens podem ser lidas seqüencialmente e combinadas para formar padrões complexos de informação.

Também compõem esse universo verbo-visual as questões relativas aos padrões cromáticos, às imagens, às texturas, aos diversos tipos de papéis e às técnicas de impressão. Ou seja, trata-se com uma linguagem que possui um outro

tipo de organização, que se diferencia da estruturação do discurso verbal e que, na visão de Ferlauto (2002, p. 62), é comandada por outra lógica, ou por uma analógica, que se estabelece pelas dimensões, formas, posições, cores, texturas. Quanto à importância da comunicação através das imagens, observa-se que na tradição oriental elas possuem uma importância que pode superar o verbal, enquanto que para o ocidente a lógica verbal está muito associada a um conhecimento superior ao provocado pelas imagens, sendo que, na visão de Mirzoeff (2003, p. 24), “[...] a cultura ocidental tem privilegiado o mundo verbal de forma sistemática, considerando-o a mais alta forma de prática intelectual e qualificando as representações visuais como ilustrações de idéias de segunda ordem. (tradução minha)”.

Assim, ao utilizar as revistas no processo de ensino nos cursos de graduação o professor se coloca na posição de desafiar os alunos a (re)conhecer esse objeto já tão conhecido, tão comum, tão mundano. A revista torna-se significativa na medida em que veicula não somente informações verbais, mas um variado repertório de imagens que inclui a ilustração, a charge, a fotografia em preto e branco e a colorida, até chegar às imagens produzidas digitalmente, o que atualmente representa o que há de mais contemporâneo no que se refere à produção de imagens visuais. Para atingir esse objetivo de apreender através das revistas e despertar nos alunos o interesse em relacionar-se com esta peça editorial, é necessário então que eles percebam e analisem a revista criando um vínculo mais estreito com determinadas publicações. Nesse aspecto, essa relação com a revista exige não só uma leitura no sentido de conhecer os seus conteúdos, mas uma relação que se transforme numa experiência de aprendizado, na medida em que os alunos façam um mapeamento ou uma decodificação detalhada sobre uma determinada publicação e identifiquem as principais informações que fazem com que aquela revista tenha aquela identidade. Essa identificação abrangeria a editora responsável pela publicação, o ano de lançamento da revista, o tipo de matéria que ela veicula, o público-leitor, bem como sua concepção estética. Portanto, esse procedimento que num primeiro momento fragmenta a revista pela identificação de seus elementos isoladamente, a seguir, se reconfigura quando o aluno estabelece as diversas relações propostas pelo design gráfico, possibilitando o entendimento do todo e suas várias leituras. Nesse sentido, interpreto este processo como uma experiência que abrange o inteligível e o sensível ou, como João Francisco Duarte Jr. (2001, p. 127) considera, entre o conhecer e o saber. Trago aqui os conceitos desse autor, que distingue estas duas formas de aprendizado. Ele entende que:

[...] o inteligível, consistindo em todo aquele conhecimento capaz de ser articulado abstratamente por nosso cérebro através de signos eminentemente lógicos e racionais, como as palavras, os números e os símbolos da química, por exemplo; e o sensível dizendo respeito à sabedoria detida pelo corpo humano e manifesta em situações as mais variadas, tais como o equilíbrio que nos permite andar de bicicleta, o movimento harmônico das mãos ao fazerem soar diferentes ritmos num instrumento de percussão, entre outros exemplos.

Um dos objetivos dessa didática, portanto, seria a de que, ao observar e analisar os diversos aspectos do design gráfico das revistas, o aluno poderia estabelecer relações desse conhecimento com outras situações onde o design gráfico se manifesta e compreender a complexidade dessa linguagem em outros suportes, como nos livros, na internet ou nos anúncios publicitários, por exemplo. Se vivemos numa era onde os meios visuais adquiriram um status de descartabilidade e a multiplicidade de informações verbo-visuais aparece e desaparece diante de nossos olhos nos diversos tipos de suportes eletrônicos (computador, televisão, telefone celular, ipod, câmeras digitais, entre outros), para que se efetive uma experiência educativa, se faz necessário que os alunos exercitem um olhar mais demorado sobre este objeto e não mais o olhar rotineiro, apressado, quase desatento. Ou seja, é necessário que a relação com estes objetos se torne uma experiência, que tenha um tempo diferente da relação frenética a qual estamos submetidos diariamente com os meios de informação e que de alguma maneira sensibilize o aluno. Para que essa experiência se realize, é necessário que o sujeito se desacelere, que se permita filtrar algumas informações para poder conectar-se com um outro tipo de olhar, que, segundo Larrosa (2001, p. 24):

[...] requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Nesse sentido, a primeira estratégia para esse encontro, para esse re-conhecer as revistas, não se dá somente através da visão, mas também da relação tátil com o objeto. É através da manipulação, da percepção do formato, da identificação se a revista é com lombada ou apenas grampeada, da diferença entre o tipo de papel da capa e o papel das páginas internas, que se inicia o reconhecimento da revista. Sobre esse processo, Rubem Alves (2005, p. 59-60), referindo-se ao conhecimento através dos livros, diz que:

[...] eles são dados à visão. Mas antes de gozar a sua leitura, eu gozo um livro como objeto tátil. Eu o seguro nas minhas mãos, sinto a textura da capa, das folhas.[...]. O tato contém um saber. Talvez uma provocação ao saber. Faz-nos pensar. Teríamos então que pensar o tato como uma das experiências essenciais que devem acontecer no espaço escolar.

Ao citar Alves (2005) e Duarte Jr. (2001) para falar da questão do sensível, evoco um ponto de vista que considera os sentidos como fator importante nos processos de aprendizagem, somando-os às capacidades cognitivas do sujeito. Também acrescento a esse ponto de vista o

conceito de experiência trazido por Larrosa (2001, p. 21), que a considera como sendo aquilo que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Este mesmo autor reafirma a idéia da importância de experienciarmos algo ao invés de apenas passarmos por isso, ao referir-se a um artigo de Walter Benjamin, onde diz que já observava a pobreza de experiências que caracteriza nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. (Larrosa, 2001, p. 21).

Portanto, ao considerar que os conteúdos propostos pelas revistas trazem uma contribuição importante aos currículos escolares, na medida em que essas narrativas verbo-visuais também evidenciam muitos aspectos da vida cotidiana, do universo do aluno e de suas experiências, entendo que estão inseridas nas propostas fundamentais dos Estudos Culturais que, entre outras, entendem a importância de vincular o currículo escolar às experiências que os estudantes trazem para seus encontros com o conhecimento institucionalmente legitimado, conforme Silva (1995, p. 97). Isso viria ao encontro da colocação de Barbero (2002, p. 2), que vê a experiência de acessar conhecimentos através das diversas mídias contemporâneas, como um conjunto de processos e experiências, que testemunham a grande circulação de saberes valiosos, para além dos livros (tradução minha).

Entendo que, ao considerar as revistas como uma fonte de informação e conhecimento no espaço escolar, estou propondo que os diversos temas que as revistas narram façam parte dos conteúdos das aulas, assim como o conhecimento que envolve suas qualidades técnicas, seus valores estéticos e seus conteúdos e as formas de relacionar-se com seu público-leitor que se encontra num contexto cultural. Nesse sentido, o viés dos Estudos da Cultura Visual, conforme Hernández (2007, p. 21), seria uma área de investigação e uma iniciativa curricular centrada na 'imagem visual', e por meio da qual os significados são produzidos em contextos culturais.

Ao considerar o universo de informações que as revistas contêm e provocam, o fato de trazê-las para a sala de aula seria considerar que elas possibilitam também uma reflexão sobre um determinado contexto e seus valores culturais. Nessa perspectiva, Ana Claudia Gruzynski (2000, p. 21) reflete que: "A aparência visual de uma determinada peça não representa apenas um estilo estético, mas também fala da sua época através de aspectos indiciais, isto é, da cultura, dos meios de sua produção, e da sociedade na qual se insere".

Portanto, ao refletir e analisar as diversas questões que se referem à representação visual gráfica nas revistas culturais da atualidade é uma tentativa de trazer para a sala de aula uma reflexão que extrapole o suporte revista e possibilite sua articulação com as diversas mídias contemporâneas e os significados propostos pelos produtos culturais. Entendo, então, que essa proposta pedagógica possibilita refletir, conhecer e criticar os processos sociais que, na visão de Simon (1995, p. 62), seria entender a pedagogia como um modo vital de envolvimento na tarefa de transformação social e que evidenciaria a função político-educativa da escolarização.

Dessa maneira, podemos entender o espaço escolar também como um lugar onde professores e professoras podem contestar formas dominantes de produção cultural numa

variedade de locais nos quais as pessoas moldam sua identidade e suas relações com o mundo. Simon (1995, p. 66). Na medida em que trago para a discussão esses diversos aspectos da educação visual, estou sugerindo que eles afetam diretamente o pensar e o fazer do sujeito-professor, justamente por conterem elementos da ética e da estética e provocarem nesse sujeito-professor uma postura que estaria para além do domínio dos conteúdos e que, na visão de Rosa Fischer (2007, p. 2), a docência seria um entre - lugar ou, ainda:

[...] um lugar privilegiado de experimentação, de transformação de si, de exercício genealógico - lugar de indagação sobre de que modo nos fizemos desta e não daquela forma; de que modo temos aceitado isto e não aquilo; de que modo temos recusado ser isto ou aquilo, no caso, como docentes.

Considero, portanto, que os professores teriam esse papel de trazer para o espaço da sala de aula os diversos temas que configuram a problemática da imagem hoje, na perspectiva de produzir um conhecimento que extrapola os aspectos dos suportes e das tecnologias, mas que provoca reflexões sobre o que essas imagens estão narrando sobre o mundo contemporâneo.

Entendo, então, a revista como um aparato/suporte contemporâneo que integra o conjunto de tecnologias culturais a que temos acesso e que, através de seus conteúdos, interfere/contribui/afeta a construção de significados no espaço escolar e que, conforme Simon (1995, p. 68), elas seriam “o conjunto de práticas organizacionais, curriculares e pedagógicas que contribuem para definir as formas pelas quais o significado é produzido, pelas quais as identidades são moldadas e os valores contestados ou preservados”. Portanto, entendo que, através das revistas, nosso olhar também se constrói na medida em que interage com a variedade de narrativas visuais apresentadas pelas diversas publicações existentes e nos coloca diante de valores estéticos também variados que nos obriga estabelecer novas relações e comparações que influenciam nossa forma de ver o mundo.

Referências bibliográficas

- Alves, Rubens. Educação dos Sentidos. Campinas. Versus, 2005.
- Barbedo, Jesús-Martin. La Educación desde La Comunicación. Norma, 2002.
- Cauduro, Flavio. A Prática Semiótica do Design Gráfico. Porto Alegre. Verso & Reverso Nº 27, 1998.
- Culler, Jonathan. Teoria Literária: uma introdução. São Paulo: Beca, 1999.
- Duarte Jr., João. O sentido dos Sentidos. Curitiba: Criar, 2001.
- Ferlauto, Cláudio. O tipo da gráfica: uma continuação. São Paulo: Rosari, 2002.
- Fischer, Rosa Maria Bueno. Cinema e TV na formação ético-estética docente.
- Gruzynski, Ana Cláudia. Design Gráfico: do invisível ao ilegível. Rio de Janeiro: 2AB, 2000.
- Hendel, Richard. O design do Livro. São Paulo: Atelier Editorial, 1999.

Hernández, Fernando. Catadores de Cultura Visual. Porto Alegre. Mediação, 2007.

Larrosa Bondia, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação. Campinas, 2001.

Mirzoeff, Nicholas. Uma Introducción a la cultura visual. Barcelona: Paidós, 2003.

Perrotta, Isabella. Tipos e Grafias. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2005.

Silva, Tomás Tadeu da. Currículo e Identidade social: territórios contestados. IN: Alienígenas na sala de aula. Petrópolis: Vozes, 1995.

Simon, Roger. A Pedagogia como uma Tecnologia Cultural. IN: Alienígenas na Sala de Aula: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

Strunck, Gilberto Luiz Teixeira Leite. Como criar identidades visuais para marcas de sucesso: um guia sobre o marketing das marcas e como representar graficamente seus valores. Rio de Janeiro: Rio Books, 2001.

Wenders, Wim. Entrevista. IN: Janela da Alma. Jardim, João e Carvalho, Walter. (DVD). São Paulo: Europa Filmes, 2003.

Abstract: The contemporary epoch has a great quantity of means and devices for the production and transmission of images, doing that the fragmented culture that we call post-modern, is understood and imagined better through the visual thing (Mirzoeff, 2003, p. 20). Among these mass media we emphasize the magazine as a vehicle that is a part of the universe of the current communication and that articulates its speech through the language of the graphical design, which, according to Cauduro (1998, p. 63), is a process of search of solutions to the problems of communication that tries to invent so much like to re-articulate the signs. In this respect, the publishing media allow a look beyond the formal analysis of the elements, and that is related to the contents.

Key words: Publishing design - Visual Culture - Education - Mass media - Signs - Image

Resumo: A era contemporânea apresenta uma infinidade de suportes e aparatos para a produção e a veiculação de imagens, fazendo com que a cultura fragmentada que denominamos pós-moderna, se entenda e se imagine melhor através do visual (Mirzoeff, 2003, p.20). Dentre estes suportes destacamos a revista como um veículo que faz parte do universo da comunicação atual e que articula seu discurso através da linguagem do design gráfico, que, segundo Cauduro (1998, p.63), é um processo de busca de soluções para problemas de comunicação, que procura inventar assim como re-articular signos. Nesse sentido os meios editoriais possibilitam um olhar que ultrapassa a análise formal dos elementos, mas que se inrelaciona com os conteúdos.

Palavras Chave: Desenho Editorial - Cultura Visual - Ensino - Meios de Comunicação - Signos - Imagem

(* **Bento de Abreu.** Mestre em Educação Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. Graduado em Artes visuais, Instituto Metodista Bennet (Rio de Janeiro) e pós-graduado em expressão Gráfica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua em o Ensino superior desde 1996 em disciplinas relativas a desenho gráfico.

(**) El presente escrito fue presentado como conferencia dentro del Segundo Congreso Latinoamericano de Enseñanza del Diseño (2011). Facultad de Diseño y Comunicación, Universidad de Palermo, Buenos Aires, Argentina.